

SOMOS AMALDIÇOADOS QUANDO CONFIAMOS NAS PESSOAS?



"Assim diz o Senhor: **Maldito o homem que confia no homem**, e faz da carne o seu braço, e aparta o seu coração do Senhor!" (Jeremias 17.5 – Almeida Revista e Corrigida)

A maioria de nós já ouviu, ao menos uma vez, a menção da primeira parte do versículo acima – ainda que de modo adaptado ou parafraseado. Com raríssimas exceções, quando se faz uso desse texto é com o intuito de ensinar as pessoas à, desde pequenas, a não confiar em seus semelhantes. Através deste versículo, se fundamenta a ideia de que, confiança e decepção, caminham lado a lado quando tratamos de relacionamentos interpessoais.

Mas será esse o verdadeiro significado do versículo em questão? Somos de alguma forma amaldiçoados quando confiamos em alguém? Com certeza, não! A Bíblia ensina que “o amigo ama em todo o tempo, e na angústia nasce o irmão” (Provérbios 17.17; cf. 18.24). Então, como interpretar corretamente a advertência de que Deus, através do profeta Jeremias, faz ao reino de Judá? É o que veremos a seguir.

A exegese do texto de Jeremias nos mostra que o versículo é composto por palavras com conotação quase singular para nós – praticantes da língua portuguesa – mas que têm amplitude de sentidos e significados muito maiores quando aplicadas no idioma hebraico (no qual foi escrito quase a totalidade do Antigo Testamento). Vejamos:

No texto há dupla menção do vocábulo “homem”. Porém, no texto hebraico, são utilizados vocábulos diferentes para cada uso do substantivo. Na primeira citação do termo é utilizado o vocábulo גִּבּוֹר (*geber*) que significa “guerreiro” (ênfatisando força ou habilidade de lutar). Já na segunda menção é utilizado o vocábulo אָדָם (*’ādām*) que pode ser traduzido como “humanidade” (designação da espécie humana). Além disso, para a expressão “carne”, o vocábulo utilizado é בָּשָׂר (*basar*) que expressa o sentido de “fraqueza”, “limitação”¹. Esse vocábulo é usado, muitas vezes, como algo tipicamente humano em oposição a Deus. Não podemos deixar de mencionar a expressão “braço”, do hebraico זְרוֹעַ (*zerôa*), que transmite a ideia de “força de combate”, pois o braço maneja a espada. Sendo assim, o versículo em análise funciona como antítese e descreve a essência humana

¹ STRONG, James. *Dicionário Bíblico de Strong: Léxico Hebraico, Aramaico e Grego de Strong*. Barueri: SBB, 2002. 1.352 p.

como sem força e não merecedora de confiança, em oposição à natureza de Deus, o único que merece confiança².

Para interpretarmos corretamente a passagem bíblica de Jeremias, conhecer a etimologia das palavras presentes no texto não é suficiente. É necessário lembrarmos que os escritos proféticos foram compostos dentro de contextos históricos específicos. Deus falou através dos Seus profetas a pessoas em determinado tempo e lugar, e em determinadas circunstâncias. Além disso, não era de interesse primário do profeta relatar histórias ou apresentá-las na sequência cronológica original. A maioria dos profetas escritores narram sua pregação em vez de situar sua mensagem em um ambiente histórico. O objetivo do profeta – mesmo quando compunha seus escritos – era ser mediador ou porta-voz de Deus para seus próprios contemporâneos.³ Ainda que o profeta anunciasse o futuro, usualmente, era o futuro imediato de Israel, Judá e outras nações que existiam ao redor, e não o nosso futuro⁴.

Outro dado importante é que a distância histórica torna a interpretação dos livros proféticos difícil. Neles há o uso de analogias e linguagem derivadas de períodos que lhes eram contemporâneos. É necessário recriar o pano de fundo histórico por trás das profecias individuais. Algo que ocorre com frequência é a falta dessa recriação, o que nos deixa impossibilitados de compreender o significado das profecias totalmente, visto que a maioria dos profetas não fornecem referentes históricos. Compreender a situação histórica do livro de Jeremias nos ajudará muito a entender o sentido básico do texto e evitar imprecisões na abordagem do seu conteúdo.⁵

De posse dos princípios hermenêuticos citados acima, é fundamental sabermos que o ministério profético de Jeremias foi dirigido ao reino do Sul, Judá, durante as últimas décadas de sua história (627 – 580 a.C.). Ele viveu para ser testemunha das invasões babilônicas de Judá, que resultariam na destruição de Jerusalém e do Templo. O intuito de Jeremias era conchamar o povo de Judá ao arrependimento, visto que ele via a potência do Norte, Babilônia, erguer-se, pela providência divina⁶, para castigar uma nação desobediente como era Judá (cf. 2Reis 21.10-15). Ele exortou – sem sucesso – os habitantes de Jerusalém a abandonarem a idolatria e apostasia.

² WOLFF, Hans Walter. *Antropologia do Antigo Testamento*. Trad. Antônio Steffen. São Paulo: Hagnos, 2007. 63-64 p.

³ FEE, Gordon D. & STUART, Douglas. *Entendes o que lêes?: um guia para entender a Bíblia com o auxílio da exegese e da hermenêutica*. Trad. Gordon Chown. 2. ed. São Paulo: Vida Nova, 1997. 153-154 p.

⁴ De acordo com estatísticas levantadas por Gordon D. Fee e Douglas Stuart (154 p.), menos que 2% da profecia do Antigo Testamento é messiânica. Menos que 5% especificamente descreve a era da Nova Aliança. **Menos que 1% diz respeito a eventos ainda vindouros.**

⁵ OSBORNE, Grant R.. *A espiral hermenêutica: uma nova abordagem à interpretação bíblica*. Trad. Daniel de Oliveira; Robinson N. Malkomes; Sueli da Silva Saraiva. São Paulo: Vida Nova, 2009. 339 p.

⁶ Muitas ações de Nabucodonosor faziam parte dos propósitos divinos: "E agora entrego todas estas terras na mão de **Nabucodonosor, rei da Babilônia, meu servo**; dou-lhe até mesmo os animais selvagens, para que o sirvam." (Jeremias 27.6; cf. 43.10)

O profeta Jeremias foi enviado para mostrar os pecados do povo e avisá-los que, caso eles não se arrependessem, seriam destruídos. Jeremias até detalhou como seria essa punição. Mas o povo não deu ouvidos e as profecias se cumpriram. Na ocasião o reino de Judá já fazia parte do domínio de Nabucodonosor, rei da Babilônia, que colocou Zedequias no trono de Judá, debaixo do seu comando (cf. 2Reis 24.17-20; 2Crônicas 36.10-13; Jeremias 37.1). Durante os dez primeiros anos de reinado, Zedequias, rei de Judá (597 – 586 a.C.), pagou tributos a Babilônia. Quando Zedequias deixou de pagar tributo e firmou acordo político com o Egito, Nabucodonosor, rei da Babilônia, perdeu a paciência e mandou seu exército para por fim à cidade de Jerusalém e transformar Judá em província do império babilônico.

No contexto de Jeremias, o rei de Judá deixou de confiar somente em Deus para socorrê-lo e buscou a ajuda do Egito contra a iminente ameaça de invasão por parte da Babilônia. Ele estava mais propenso a confiar em seu aliado político e se apoiar em braços humanos do que a depender do poder de Deus.⁷

A aliança política de Judá com o Egito não era novidade. Ao ser ameaçado por Senaqueribe, rei da Assíria, Ezequias, rei de Judá (728 – 698 a.C.), inicialmente deixou de confiar apenas em Deus e solicitou para a guerra, carros e cavaleiros oriundos do Egito:

[20] *Tua estratégia e teu poder para a guerra são inúteis. Em quem tens confiado para te revoltares contra mim?* **[21]** *Tu estás confiando nesse caniço quebrado, que é o Egito, que atravessa e perfura a mão de quem se apoia nele. O faraó, rei do Egito, é assim para com todos os que confiam nele.* **[24]** *Como poderias derrotar um só príncipe dos menores servos de meu senhor, quando estás confiando no Egito para obteres carros e cavaleiros?*” (2Reis 18.20-21, 24 – Almeida Século 21).

Na ocasião, por meio do profeta Isaías, Deus rejeitou completamente a ideia de aliança bélica entre Judá e o Egito:

[30.1] *Ai dos filhos rebeldes, diz o SENHOR, que realizam planos que não procedem de mim e fazem aliança sem a minha aprovação, para acrescentar pecado sobre pecado;* **[30.2]** *que se propõem descer ao Egito sem buscar o meu conselho, para se fortalecer com a força do faraó e para se refugiar na sombra do Egito!* **[30.3]** *Mas a força do faraó vos trará vergonha; a confiança na sombra do Egito vos humilhará.* **[31.1]** *Ai dos que descem ao Egito em busca de ajuda, que confiam em cavalos e põem fé nos seus muitos carros e na força de seus cavaleiros; e não atentam para o Santo de Israel nem buscam o SENHOR.* **[31.3]** *Os egípcios são homens, e não Deus; os seus cavalos são carne, e não espírito; e, quando o SENHOR estender a mão, tanto quem ajuda quanto quem busca ajuda tropeçará; ambos serão exterminados.*” (Isaías 30.1-3; 31.1, 3 – Almeida Século 21)

⁷ WIERSBE, Warren W.. *Comentário bíblico expositivo: Antigo Testamento*. Vol. 4, Trad. Susana E. Klassen. Santo André: Geográfica, 2006. 127 p.

Deus não permitiu que a cidade de Judá fosse destruída por Senaqueribe porque, antes do confronto, Ezequias orou a Deus disse: “*SENHOR, eu te suplico, lembra-te agora de como tenho procedido para contigo com fidelidade e integridade de coração, e de como tenho feito o que é correto diante de ti. E Ezequias chorou muito.*” (2Reis 20.3). Em resposta, Deus prometeu livrar a cidade de Judá do rei da Assíria: “*Ouvi a tua oração e vi as tuas lágrimas. (...) Acrescentarei quinze anos à tua vida; e livrarei a ti e a esta cidade das mãos do rei da Assíria; defenderei esta cidade por amor de mim e por amor do meu servo Davi.*” (2Reis 20.5-6).

Ainda assim, “*Ezequias não correspondeu ao benefício que lhe foi feito, pois o seu coração se exaltou; pelo que veio grande ira sobre ele, e sobre Judá e Jerusalém*” (2Crônicas 32.25). Na intenção de ostentar a riqueza de seu reinado, Ezequias mostrou aos emissários da Babilônia “*toda a casa do seu tesouro, a prata e o ouro, as especiarias e os melhores óleos, seu depósito de armas e tudo quanto havia nos seus tesouros; não deixou de lhes mostrar nada, tanto de seu palácio quanto de todo o seu reino*” (2Reis 20.13; cf. 20.15-19). “*Porém Ezequias humilhou-se pela soberba do seu coração, ele e os habitantes de Jerusalém, de modo que a grande ira do SENHOR não veio sobre eles nos dias de Ezequias*” (2Crônicas 32.26), e sim no reinado de Zedequias, conforme alertou o profeta Jeremias (cf. Jeremias 18.3-8).

Não há no texto de Jeremias (ou no contexto dele) nenhuma referência sobre a possibilidade de haver maldições sobre aqueles que confiam em pessoas. Essa ideia é totalmente equivocada e fruto de da hermenêutica desprovida de análise exegética consistente. Na realidade, a Bíblia nos revela diversos casos de amizades cultivadas sob o solo da confiança mútua e sadia. Temos como exemplo de confiança o relacionamento existente entre Davi e Jonatas (cf. 1Samuel 18.1, 3), entre Paulo e Timóteo (cf. 2Timóteo 1.4) e muitos outros.

Sendo assim, a melhor tradução da passagem bíblica de Jeremias 17.5 seria: “*Maldito o guerreiro [aquele que tem habilidade de lutar] que confia na humanidade [limitada, deficiente], e faz da fraqueza e limitação o seu braço [a sua força de combate], e com isso aparta o coração do Senhor [que é a fonte da verdadeira força]*”.

Se aplicarmos os princípios contidos no texto bíblico de Jeremias 17.5 para os nossos dias, estaremos diante da seguinte questão: Qual é a densidade da nossa confiança em Deus nos momentos de adversidades? Confiaremos plenamente em Deus e em Seu poder soberano? Ou faremos alianças baseadas nas limitações e fragilidades humanas? Será que, a exemplo do salmista, podemos declarar:

“Elevo meus olhos para os montes; de onde vem o meu socorro? Meu socorro vem do SENHOR, que fez os céus e a terra. Ele não permitirá que teus pés vacilem; aquele que te guarda não se descuidará. É certo que o guarda de Israel não se descuidará nem dormirá. O SENHOR é quem te guarda; o SENHOR é tua sombra ao teu lado direito. O sol não te prejudicará de dia, nem a lua de

noite. O SENHOR te protegerá de todo mal; ele protegerá a tua vida. O SENHOR protegerá a tua saída e a tua entrada, desde agora e para sempre.” (Salmo 121)

Quando vivemos nossa vida debaixo da dependência divina, sob o cobertor da humildade, independentemente dos caminhos de sucessos alternativos que o mundo nos oferece, seremos “*como a árvore plantada junto às águas, que estende suas raízes para o riacho; não temerá quando vier o calor, pois sua folhagem sempre estará verde, e no ano da seca não ficará preocupada, nem deixará de dar fruto*” (Jeremias 17.8).

Para concluir podemos citar, dentro do contexto da tradução da passagem bíblica de Jeremias 17.5, as seguintes palavras do teólogo francês João Calvino (1509 – 1564): “*A mente do homem é como um depósito de idolatria e superstição; de modo que, se o homem confiar em sua própria mente, é certo que ele abandonará a Deus e inventará um ídolo, segundo sua própria razão*”. Portanto, “*Bendito o homem que confia no SENHOR, cuja esperança é o SENHOR*” (Jeremias 17.7).

Soli Deo Gloria.